

# BELLO SEXO,

PERIODICO



LITTERARIO E RECREATIVO.

---

Il est doux de trouver dans une épouse chère  
Des asts consolateurs qui sachent nous distraire.

*Casimir Bonjour.*

---

TOMO II



---

Numero 3. — Julho de 1850.

---

PERNAMBUCO,

NA TYPOGRAPHIA DE M. F. DE FARIA.

---

1850.

---

## MISSÃO DO BELLO SEXO.

---

*Os homens serão sempre o que as mulheres quizerem que elles sejam.*

ROUSSEAU.—*Emilio*, liv 5.<sup>o</sup>

*Talvez não haja no mundo um só facto, cujo principio ou fim, se bem o averiguarmos, não seja a mulher.*

J. DE LEMOS.—*O livro de Elysa*.

---

A mulher, esse ente insondavel, mystico e sublime, que attrahe, enleia e arrebatá o coração do homem, que fa-lo olvidar muita vez pai, patria, dever e mesmo o seu Deos, que o domina pela força d'uma fascinação, que todos sentimos, mas que nenhum de nós explica, d'onde houve essa força magica, esse encanto mysterioso, que tanta vez a eleva acima do homem, e faz com que o homem suspeite e depois admitta em sua convicção que ella possúe um attributo, um predicoado que elle não sente em si, e que lhe parece emanado da Divindade só e unicamente para ella? — Apenas sabemos o facto, a razão d'elle dê-a quem souber.

Creado o primeiro homem, e collocado em um jardim de delicias, no Eden — habitação traçada pela mão de Deos para sua obra mimosa entre as demais, para seu filho predilecto, feito á sua imagem, e que unico recebeu o sôpro do attributo divino — a razão — pouco tempo viveu n'esse estado. Todos os mimos, todas as graças, todas as maravilhas e fructos com que a natureza se ataviava, não fôrão bastantes para que na alma do homem se dêsse a satisfação, não sentisse elle uma falta ou vazio em seu ser, e dissesse ao seu creador *nada mais*. Não! porque sentia elle uma falta, que não poderia exprimir, é verdade, mas que o Eterno reconheceu, pois deu-lhe uma companhia.

E não começa o mysterio logo da criação da mulher?.... Creou Deos o mundo e o homem, e parou.... Só depois d'um intervallo foi creada a mulher. E' que era ella a corôa do edificio da criação, é que a mulher era o ente que tinha de vir ao mundo ameniza-lo, é que a mulher era o ente d'onde um dia nasceria o Redemptor da humanidade, é que não entrou nos planos da criação mandar ao mundo um ente, contendo em si uma parcella da Divindade, mas que enfim sempre teve de apparecer, porque o mundo era incompleto!

no 3

Creou Deos uma companhia para o homem, diziamos nós. E porque não deu-lhe outro homem?... Creou a mulher, e elle sentio-se completo; só d'então se pôde dizer, que existio. E veio a mulher como complemento ao homem, e logo em seu principio, apenas sahida das mãos de Deos, exerceu sobre elle esse predomínio da fascinação, de que fallámos. Era que o homem, que até então só fôra fascinado pela vistada magestade divina, adivinhára, ou presentira n'ella a algum attributo ou encanto divino. Isto (já o dissemos) sentimos todos, mas nenhum de nós o explica.

Veio pois a mulher ao mundo completar a obra da criação, amenizar a terra, engrinalda-la. D'aqui já se vê qual a sua missão; restão-nos algumas observações.

Se os homens, que a força de se quererem espiritualisar se mostram rudes materialistas, nos disserem, para retirarmos da mulher os encomios que lhe tributamos, que ella muita vez desce ao lodaçal da infamia, e se apresenta com a frente impressa pelo ferrete da lascivia e immoralidade, dir-lhe-hemos: — Essa palavra — *prostituta*! — que tanto excita nos os anathemas e desprezos, a nós só excita a compaixão e o perdão! — Anathema, não sobre a prostituta, mas sobre o que a prostituio, sobre o que a arrastou a esse lameiro da infamia! Porque na mulher dá-se uma lucta antes de descer a esse estado, porque dentro della ha o germen do poder e da honra, que só a desampara no ultimo apuro da miseria, ou no ultimo requinte da seducção! — Anathema ao rico, que a não soccorreu, anathema ao seductor, que a perdeu! E' sempre o homem a causa da perdição das mulheres; e em nosso apoio citaremos algumas linhas do Sr. A. Herculano:

« Muitas vezes, na verdade, a mulher desce arrastada por nós ao charco immundo da extrema depravação moral; muitissimas mais, porém, ella nos salva de nós mesmos, e pelo affecto e entusiasmo nos impelle a quanto ha bom e generoso. »

E haverá quem isto conteste?... — Feliz de mim se nunca me desamparar essa estrella, que ao primeiro irradiar de minha rasão, ao primeiro pulsar de meu coração, se me antepoz para guiar-me os passos! Que no extenso e difficiloso peregrinar na terra, atravessando os abrazados arêaes, e as geladas regiões da vida, encontrarei n'ella sempre o oásis de salvação ou o fóco de calor vivificante — o meu santelmo da existencia!

A missão do bello sexo é nobre e santa; e para não estender mais estas toscas linhas, fecha-las-hemos, ou antes escuda-las-hemos com algumas d'esse grande escriptor, cuja autoridade ha pouco invocámos em nosso auxilio:

« Dai ás paixões todo o ardor que poderdes, aos prazeres mil vezes mais intensidade, aos sentidos a maxima ener-

gia, e convertei o mundo em paraíso, mas tirae delle a mulher, e o mundo será um ermo melancólico, os deleites apenas o preludio do tédio. »

16 de Julho de 1850.

A.

---

## O LOUREIRISMO.

---

*Le crime est toujours crime, et jamais la beauté  
N'a pu servir de voile à sa difformité.*

Ciebillon.

He o amor o fundamento e o calculo da vida inteira da mulher — logo ao despontar de sua existencia, ella sente necessidade talvez indeclinavel em amar. Mas se bem dirigida educação não vem em soccorro de sua inexperiencia, elle he sobre modo damnosa essa tendencia; porque na satisfação d'essa necessidade jovens ha, que indiscretas fazem brotar — dão vida — a hum frio e estudado affecto, que longe de ser o legitimo producto de sua natureza, longe de ser o verdadeiro amor — que purifica e liga indissolavelmente dous corações — só faz semear a desordem, attrahindo após ella a deshonra á hum familia, cuja reputação sepultada no approbrio a torna desprezivel aos olhos da sociedade, e desgraçada portanto para sempre.

E esse affecto immoral, essa indecente e terrivel mania, tem por origem o desejo que em geral domina a mulher de ufanar-se de seus encantos e graças, de modo que, degenerando em louco desvanecimento, deixa-se ella levar dos lisongeiros e fallazes discursos de homens que, sem virtude nem honra, se dedicação unicamente a colher os fructos de sua inexperiencia, envolvendo-a no labyrintho da seducção, onde a esperão o crime e o aviltamento!

No vocabulario da *loureira* só se encontra a palavra — namoro — : namorar he a sua vida, ter hum multiplicidade infinita de *adoradores* he o seu elemento — para ella he grande triumpho a adjuncção d'hum novo *amante* á lista dos já havidos! D'este principio, pois, nascem muitissimas dissensões; porque despertada a inveja pelo maior numero de amantes tidos pela rival, ou ferido o amor proprio com a preferencia dada a outra, d'envolta com o despeito apparece o odio.

E a *loureira* n'esse seu *borboletear* jamais se lembra, que esses que lhe fazem a côrte, ao mesmo tempo que lhe dirigem palavras adocicadas pela lisonja, e discursos moldados pelo galanteio, a escarnecem, e só tem por fim desfructa-la, procurando seduzi-la !... E quando ella lhes saiba fugir, não cahindo nos laços da seducção, sempre soffre grave detrimento em seu nome, sempre soffre hum como eclipse em sua reputação ; a qual toda a virgem deve trabalhar por conservar illibada, como o dom mais precioso que lhe attrahe todas as honras e respeitos da sociedade.

Mais de huma das nossas amaveis leitoras já nos ha de ter taxado de grosseiros e pouco delicados para com o bello sexo ; o correr de nossa penna tem na verdade sido muito livre, nós o confessamos ; mas meditem no que diz a erudita Madama de Staël, que conhecerão a justeza de nossas expressões : — O amor, que na vida dos homens não he mais do que um episodio, he a historia inteira da vida das mulheres.

J. T. DA S. QUINTANILHA JUNIOR.

---

## A COMPAXÃO.

---

He esta terna voz do coração huma qualidade tão sublime, que não busca alheias recompensas — em si mesma ella tem a sua verdadeira paga ; porque a satisfação internamente experimentada pelo homem caridoso ao espargir as flores da consolação sobre o agonisar da desventura, he a primeira e mais doce sancção imposta ao seu nobre procedimento.

Elle consultando o sanctuario do peito, ahi acha de morada o mais puro prazer — sua consciencia de continuo attesta-lhe o merito da acção praticada — e o seu coração nadando nos effluvios provindos da observancia dos deveres, nutre-se e vive a vida da paz e do contentamento.

Com effeito, d'entre todos os attributos que possui o homem, d'entre todas as flores que vegetão e embalsamão o seu coração, he a compaixão que mais o superioriza, he só ella que mais o aproxima á divindade, porque induzindo pela logica do sentimento á esposarmos os soffrimentos do proximo, de sorte que de commum compartamos do infortunio ; assim por huma irresistivel magia — pela sym-

pathia do soffrer -- nos leva á observancia da moral evangelica, nos leva ao cumprimento d'huma lei d'alma, de hum preceito plenamente determinado: *Amarás a teu proximo como a ti mesmo.*

Sim, he por virtude da compaixão que a orphandade ou a viuvez encontra decidido apoio no seu abandono; he por ella que a indigencia finando-se pouco á pouco sobre duro grabato, ou correndo as ruas em toda a sua nudez, tiritando de frio, sem ter huma habitação, encontra hum seio philanthropico, onde o gelo do infortunio se desfaz ao contacto do calor da consolação... Oh! sim, a compaixão he o orvalho que amenisa o arido campo do soffrer, he a briza que modera o ardor da desventura.

E esse producto maravilhoso de nossa alma tão fecunda em sublimes effeitos, e essa mimosa flor plantada pela dextra do Eterno, busca com preferencia o coração feminino; onde toda se converte em perfumes de magica voluptuosidade. Em verdade, he o excesso do sentimento por essencia partilha da mulher; não pôde o homem nunca chegar a esse grão de sensibilidade, que n'ella se vê.

E pois não admira que a infelicidade sempre ache em seus labios huma palavra de alento, em suas obras a applicação de anodynos e em seus olhos huma lagrima de compaixão.

WITRUVIO.

## O DEVANEAR.

*He necessario amar, porque he  
o amor quem sustenta e cobre de  
flores o nosso ser*

Voltaire.

### I

Foi aqui... sim, foi sobre este mesmo pinCARO, que, como a estatua da saudade no seu pedestal, eu a vi pela vez primeira... oh! como era bella então!

Suas vestes de pura neve ondulavão ao querer de branda viração — seus cabellos negro-luzidios folgavão esparsos sobre bem-torneados hombros, osculando-lhe de vez em quando o virgineo seio sem a menor opposição -- seus

olhos da côr dô ébano polido, respirando melancolica ternura, erravão pela vastidão do oceano, cujas ondas de espaço a espaço vinhão pausadas morrer nesta erma praia.

E o riso não habitava seus lábios... sympathica tristeza era derramada por todas as feições... ella seismava esse doce scismar de virgem, sempre repassado de indefinivel melancolia, e cheio de tantos mysterios.

E eu amei esse scismar!...

## II.

O céu está sereno, nenhuma nuvem percorre os seus immensos espaços d'anil colorados — a lua do alto de seu throno magestosa diffunde sua luz de prata por todos esses contornos — os zephyros cheios de balsamicos aromas sopráo brandamente — não pião agoureiras aves, mas desprende o sabiá sua melodiosa voz em saudoso e modesto cantar, como notas de maviosa frauta longe tangida... oh! tudo, tudo convida á amar... tudo falla d'amor.

E não conhecerás tu essa sublime lingoagem do coração?...

Oh! vem, doce amiga; eia vóa aos meus braços, Tirce mimosa.

E sempre assim!... sempre surda ás vozes do meu infeliz amor!...

Quão mal assenta a esquivança na formosura.

## III.

Vês tu estas flores?

Ainda ha pouco erão as graças dos olhos, a embriaguez do olfacto, o enlevo dos sentidos... agora murchas e descoradas se dobrão do pendunculo até beijarem o chão sem graças nem aromas!

E n'ellas não vês tu symbolizada a formosura?... não lês ali as phases d'ella inseparaveis?

Olha, attenta bem o seu retrato — no amanhecer da vida ella irradia com todo o seu fulgor, ostenta toda a sua galhardia, e cerca-se de prestigios só proprios da mocidade; mas chega o declinar — vem a tarde da existencia — o brilho offusca-se, a galhardia desapparece, e os prestigios esvaem-se... e a formosura descae, emmurchece e morre!

A flor no seu desabrochar se desfaz em correntes de perfumes, e mal aponta a estrella da tarde, contrahidas suas lindas fórmãs, apenas deixa aperceber, que possui a propriedade odorifera.

A formosura na sua aurora de magia, toda encantos, ó respira seducção; e mal caminha para o occaso, tendo

sido avara de sua ternura, desfalcada em graças, perde o condão, e acaba por sómente suscitar a indiferença!

E não te pulsa o coração, linda virgem dos meus sonhos, esta triste e cruel verdade? . . .

O tempo passa ligeiro, os annos crescem em numero, e o lustre da formosura embacia-se ao bafêjo da idade; assim, não sejas inaccessible ao amor, em quanto em todo o teu ser só amor impera . . . em quanto todo o teu ser só delirios resume.

Oh! Tirce querida, permite ao teu infeliz adorador hum lugar no sanctuario dos teus affectos!

WITRUVIO.

---

## ROMANCE.

---

### AS DUAS AMADAS.

(Continuado.)

#### IV.

O sol se alenvatava do seu leito, e surgindo das aguas derramava torrentes de luz sobre as do rio Itapicurú; e nas margens d'elle passeava tristemente Paraüna, lançando de vez em quando um olhar indagador ao derrador de si.

Mais além — sentada sobre uma pedra, com o rosto descansado no punho direito, estava Itaguyra com os olhos fitos em uma *piroga*, que amarrada em um tronco, docemente se embalava com o branco movimento das aguas. Todas as vezes que Paraüna algum tanto se aproximava do lugar onde era Itaguyra, esta procurava occultar-se a aquella.

Assim já haviam decorrido algumas horas sem que esta scena fosse interrompida senão pelo ciclar da briza na folhagem, ou pelo estridente cantar do chechéo, ou pelo doce trinado da patativa, ou pelo merencorio assovio da pecuapá.

Muito tempo assim decorreu; até que emfim Paraüna approximou-se da *piroga* — desatou-a, metteu-se dentro, e se deixou levar pela corrente das aguas; e tão mergu-

lhada ia ella em seus pensamentos, que não prestou ouvidos ao leve rumor de um corpo que nadava junto á *piroga* —

Era Itaguyra, que com os olhos sempre fixos em sua amiga, se arrojára no rio, quando aquella era conduzida pela *piroga*, que mansamente deslisava pela superficie das aguas, como se fôra uma leve folha arrojada pelo vento, e levada pela corrente.

Um homem, tetrico e immovel, com os braços cruzados sobre o largo peito, de hum pequena elevação observava esta tocante scena; e com as costas das mãos enchugava as lagrimas que lhe vinhão humedecer as faces.

Tarajara pois presenciava esta scena, e palpitando esperava por seu desenvolvimento — e dentro em breve elle o vio, porque um agudo e doloroso grito o arrancou á immobibilidade em que se achava; vio sua irmãa arrastada para a margem do rio por Itaguyra.

Paraña se havia lançado n'agua, porque julgando-se só, se quiz afogar, mas n'essa sua tentativa foi enganada, porque um coração amigo velava em seus dias.

Tarajara arremeçou-se sobre o corpo inanimado de sua irmãa — suspendeu-o em seus braços... e carregado com este doce fardo, seguiu o caminho de seu *tejupaba* sem siquer lançar um olhar de agradecimento sobre a pobre Itaguyra, que em pé, immovel, e com os braços caídos, começou a soluçar fortemente... mas esses soluços só encontrarão echo nos bosques. E o sol ao tocar o seu zenith, lançou seus raios perpendiculares e abrazadores sobre a cabeça de hum mulher estatua... e a *piroga* pela força da briza de novo se acostára á terra a poucos passos de distancia de Itaguyra.

## V.

Ao declinar do sol desse mesmo dia, descia pelo rio uma outra *piroga* conduzida por um cabôclo ainda joven.

O cabôclo remava com cuidado, evitando fazerrumor, e olhando de redor de si como receioso de ser visto.

Itaguyra ainda se conservava no mesmo lugar... e quando aquelle ficou defronte d'ella, parou... fixou-a e um grito escapou de seus labios.

— Itaguyra!

Esta estremeceu — voltou-se rapidamente — encarou-o, e por hum movimento involuntario quiz fugir; porém encontrou-se presa pela cintura pelos braços do cabôclo.

— Tapy, deixa-me...

— Não — não, agora irás commigo.

— Para a outra vida?

Tapy encarou-a, e conservou-se immovel por algum tempo.

— Não, diz elle, eu não estou morto, eu ainda te pertenço, e a este mundo . . .

— Ah! então vem, corramos, salvemo-la . . . que talvez ainda será tempo.

E travou-lhe do braço, e o arrastou após si.

Estarão os leitores por sem duvida inquietos de saber como ainda era vivo Tapy, depois de haver Tarajara annuciado a sua morte!

Cousa bem natural.

Tarajara se havia postado á porta do *tejupaba* de Tapy a espera deste para assassina-lo; porém como era noite escura e tormentosa, por um desses enganos bem fataes, um outro homem havia recebido os golpes destinados a Tapy; e como muito pouco espaço de tempo ha decorrido desde esse acontecimento até o ponto em que nos achamos, ainda não era Tarajara conhecedor de tão fatal engano.

Voltemos a Paraüna que era levada nos braços de seu irmão. —

Tarajara entrou em seu *tejupaba* carregado com sua irmã — depondo-la em sua rede, e esperou mudo muito tempo que ella se reanimasse . . . porém de balde, porque Paraüna já era da morte.

Depois de algum tempo, elle accerrou-se a rede de sua irmã, . . . tomou-lhe huma das mãos, achou-a fria . . . apalpou-lhe a testa, os pés e os peitos . . . tudo frio . . . e frio de morte . . .

Elle conheceu então a terrivel realidade, e bradou com desespero :

— Morta !

— Morta ! repetirão com espanto e dôr duas vozes.

Tapy e Itaguyra entrarão n'esse momento.

Os dous guerreiros medirão-se com olhares cheios de odio e desespero.

Itaguyra chorava ajoelhada junto á rede onde era o cadaver de Paraüna.

## VI.

Tempo depois do dia, em que tão terriveis acontecimentos tiveram lugar, junto a huma fonte natural, debaixo de hum frondoso cajueiro se via dous guerreiros encostados a seus arcos olhando-se fixamente.

Erão Tarajara e Tapy.

— Morrêrão . . . . .

— Sim morrêrão, e tu as mataste.

— Eu ?

— Sim, tu, Tapy — e se não fôra o que me pedioltaguyra em seus ultimos momentos, eu já te haveria morto.

— E terias feito muito bem.

— Basta.

Ouve hum longo silencio. Os dous guerreiros choravão.

E o sol dardejava perpendiculares os seus raios sobre a terra.

Subito o som do *boré* estrugio pelas matas.

Tarajara e Tapy estremecêrão.

— E' o *boré*.

— Sim

— Corramos.

E os guerreiros partirão : quando chegarão ao seio de sua povoação, já seus irmãos estavam em armas.

Uma época nova, terrivel e desgraçada, surgia para os filhos de Maranhão.

Os Francezes ja pisavão seu territorio. Os guerreiros marcharão, e com elles Tapy e Tarajara, que depois de haverem perdido o que mais amavão neste mundo, querião morrer combatendo por sua patria e liberdade.

E seus corpos juncarão o campo da batalha.

J. C. LOBATO.

---

## PARAGUASSU.

---

Não he sómente n'essas terras d'além mar, não he sómente no seio da civilisação, que teem apparecido mulheres, cuja gloria, passando de seculo á seculo, sempre se ostenta em todo o seu fulgor primitivo ; tambem no nosso Brasil, n'essas eras em que o pé europeu mal havia calcado as plagas dos Tupinambás, mulheres houve de gran varonilidade, de merito tão subido, que seus nomes no dominio da historia, pertencerão a todas as idades, n'ellas excitando a admiração, ao passo que abrem o caminho da emulação ao seu respectivo sexo.

Paraguassú he a prova do que acabamos de dizer. Nas-cida d'hum *cacique* da ilha de Itaparica, á estima reunia os respeitos de todos de sua tribu, não só por sua jerarchia, como tambem pela belleza e elevação d'alma com que a natureza a dotára. — Principal entre os seus, fazia as deli-

eias dos *Carijós* - n'ella não se via essa côr bronzêada, commum aos indigenas: a sua tez era de côr alva.

Paraguassú gentil, tal nome teve,  
Bem diversa da gente tão nojosa ;  
De côr tão alva como a branca neve,  
E d'onde não he neve, era de rosa.

( *Caramurú* . )

Destinada mui joven ainda por seu pai a ser esposa de Cupeva, sempre fugia a seus olhos e á suas caricias com tamanha delicadeza, que elle cada vez se via mais rendido, e lhe dedicava maiores respeitos.

N'este entretanto houve lugar nos baixos de Boipebá o naufragio do celebre Diogo Alvares Corrêa ; que angariando a admiração dos indigenas, sobre elles exercendo mirifico influxo, se achou para logo cercado de todas as attentões, de sorte que disputavão os chefes entre si a honra de dar-lhe as filhas por esposas ; entre as quaes preferio elle a formosa Paraguassú.

Tendo já desposado a Diogo, succedeu a guerra feita a Cupeva por Jararaca — foi huma occasião para Diogo observar e conhecer a tempera de sua esposa ; pois ella á frente de mil amasonas obrou prodigios de valor, combatendo sempre a seu lado.

Tempos depois arribou á Bahia hum navio normando, facilitando a Diogo o satisfazer o desejo d'huma viagem á Europa desde muito nutrido ; e Paraguassú por admiravel devotação não deixou de segui-lo.

Cercada de prestigios, appareceu ella na côrte de Henrique II de França, onde teve lisongeiro acolhimento, de sorte que, recebendo o baptismo, a Rainha Mãi servio-lhe de madrinha, dando-lhe o seu nome — Catharina, a que ajuntou — Alvares Corrêa — de seu esposo.

Da volta da Europa, orgulhosa de seu novo nome e dos conhecimentos que a dquirira, empregou solicita todos os meios para converter á religião christã e á civilisação os seus compatriotas sepultados na barbaria.

E pois, gozava de tranquillidade e repouso em companhia de seu esposo, quando aportou á ilha Francisco Pereira Coutinho como donatario d'aquella Capitania. Procedendo Coutinho d'hum modo barbaro para com os indigenas, que por vezes infrutuosamente manifestárão-lhe tenções hostis, admoestou-o Diogo, lembrando-lhe as disposições benevolas que sempre lhe mostrarão os Tupinambás, e a ingratição com que elle agora os tratava ; mas Coutinho, surdo á essa admoestação, vendo em Diogo hum emulo invencivel,

designou-o como cabeça das hostilidades dos Tupinambás, e carregando-o de ferros, divulgou a sua morte afim de ver que effeito produzia tal noticia nos animos.

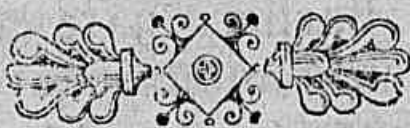
Ao saber do occorrido, revestio-se do seu valor e coragem já conhecidos a bella filha dos bosques; para logo dirige-se á aldeia dos Tupinambás, declara-lhes que Diogo he vivo, e exhorta-os á guerra para liberta-lo. E cheia de audacia, á frente de numeroso exercito, marcha sobre os cadaveres de vinte inimigos em direitura de S. Salvador — Caramurú lá está, para lá a chama o seu dever — e com suas proprias mãos quebra-lhe os ferros, restituindo-lhe a liberdade!

Reconhecida pelos Tupinambás como herdeira do seu *principal*, elevada á categoria de princeza do Brasil, fez cessão de seus direitos magestáticos em favor de D. João III, que enviando a Thomé de Souza, ordenou-lhe a honrasse, e attendesse a seu marido por seus relevantes serviços: e he d'ahi que teve origem a nobreza propriamente brasileira encarnada na casa da Torre. Ainda outra prova de distincção recebeu do monarcha portuguez, que a honrou com o seu retrato na casa da polvora ao lado das armas reaes. Acha-se tambem hum retrato seu na casa da Camara na Bahia, onde por hum assento se faz o seu anniversario.

Segundo o testemunho do Padre Durão, teve Catharina hum visão, na qual a Virgem Santissima, manifestando-se em toda a sua gloria, lhe ordenou que fizesse restituir hum a imagem sua roubada por hum selvagem. Foi esta com effeito achada, e com ineffavel explosão de jubilo reconheceu ella ser a mesma imagem, que lhe apparecêra em sonho. Foi esta imagem collocada sôb invocação de Virgem Santissima da Graça na Igreja, que he actualmente o Mosteiro de S. Bento, onde descansão os seus restos mortaes. Sobre hum a lápida ahi se vê a inscripção:

Sepultura de D. Catharina Alvares, Princeza d'esta Capitania, que cedeu aos Reis de Portugal com seu marido Diogo Alvares Corrêa, nascido em Vianna. Ella edificou esta Capella, e dèdicou ao Patriarcha S. Bento, no anno de 1582.

J. T. DA S. QUINTANILHA JUNIOR.



---

## A HELOISE.

---

### SONETO.

---

Em negra escuridão, horror da morte,  
Hum peito afflicto, genê delirante;  
E em pranto por hum bem todo anhelante,  
Crueis queixumes solta contra a sorte.—

Em vão supplica á Parca o duro córte...  
Mas pára, e se arrepende a triste amante,  
Pois inda o bem existe, ind'he constante,  
E a esp'rança de o vêr he allivio forte.

No altar de hum Deos orando, ella consome  
As horas, confundindo no sublime  
Co' o nome de Abeillard de hum Deos o nome.

Do claustro sôa a campa, que o reprime,  
E exclama a voz irada do renome:  
Aqui soltar do peito hum ai he crime.—

M. A. VILLELA.

---

### PARECE-ME UM ANJO.

---

Quando eu me revejo da virgem, que adoro,  
Nas graças tão raras que deu-lhe a natura,  
Parece-me cópia d'hum ente celeste,  
Parece-me hum anjo tão linda figura.

Seus olhos formosos não andam inquietos,  
Travêssos — vaidosos — contínuo brincando ;  
Não tem os fulgores do sol deslumbrante,  
Ridente, soberbo, no céu rutilando.

Seus languidos olhos, tranquillos, serenos,  
De palpebras longas, de côr desmaiada,  
Semelham os raios que a placida lua  
Derrama saudosa na incosta escalvada.

Seus olhos, que vertem tão doce magia  
No lume tão frouxo, tão terno, tão brando,  
Ou ergam-se, ou baixem-se, ou quedem-se, ou volvem-se,  
Enleiam meus olhos, meu peito inflammando.

Não ha no seu rosto da purpura a côr,  
Nem brilham papoilas em conchas de neve ;  
Apenas da face na pallida flôr  
Huns longes de nacar se traçam de leve.

Suave, ingraçado, seu riso modesto  
Carece de côes que possam pinta-lo ;  
Carece minh'alma de gostos que vençam  
O gosto ineffavel que sinto em goza-lo.

Mais fresca, mais bella que a rosa orvalhada,  
A flôr de seus labios convida mil beijos ;  
Attrahe os meus labios, que sécca e descora  
O halito ardente de cegos desejos.

Parecem seus dentes — polidos, perfeitos,  
Mais lindos, mais brancos que branco marfim —  
Alvissimas renques de jaspe formadas,  
E postas com graça n'hum chão de carmim.

Do collo, do peito, da estreita cintura,  
Que em mar de volupias parece nadar,  
Embalde de Phidias tentaa o cinzel  
No marmor de Paphos a imagem gravar.

Se as plantas mimosas lhe formam passadas,  
Parece que as plantas nem roçam o chão ;  
Não he tão airoza, não tem tal donaire  
A nuvem que passa na etherea extensão.

Quando eu me revejo nas graças tão raras,  
Que deu-lhe a natura que fê-la tão bella,  
Parece que habito n'hum mundo encantado,  
Que o mundo, em que habito, resume-se n'ella.

Parece no talhe, nos modos, no todo,  
Negar-se a formosa de humana feitura ;  
Parece-me cópia d'hum ente celeste,  
Parece-me hum anjo tão linda figura.

J. DA C. RIBEIRO.

---

### QUERO HUM CANTO.

( *No album d'hum amigo.* )

---

Vou cantar . . . queres que eu cante ?  
— Hum bello canto de amor.  
Quero hum canto que revele  
O fogo do teu amor ;  
Quero que cantes, mancebo,  
Hum bello canto d'amor. —

Queres hum canto d'amor !  
Já não sinto essa paixão,  
Bate frio. . . enregelado  
No meu peito o coração,  
Hoje cratera apagada,  
Tristes restos de hum volcão.

Sonhei amores hum dia,  
Meu amor cantei na lyra ,  
Qu'a mulher, por quem morrêra,  
Ardente amor me fingira.  
E o amor que ella jurára,  
Já prôvou que era mentira !

Em vez de cultos a amor,  
Rendo cultos á verdade.  
Não tenho amor dentro d'alma ;  
Sinto apenas amizade,  
Em vez de cantos de amor,  
Canto apenas a saudade.

Entre as flores, nos perfumes,  
Muita vez dorme a serpente.  
Ama a flôr. . . goza-lhe o cheiro,  
Mas na escolha sê prudente.  
Como a flôr, que a serpe occulta,  
Despreza o labio que mente.

Assim, não queiras que eu cante  
— Hum bello canto d'amor —  
O meu cantar só revela  
O gelo do desamor ;  
Minha lyra já não tem  
A corda que diz *Amor* !

*M.*

---

### UM BEIJO.

---

Doce beijo na candida face  
D'hum infante, donzella, imprimiste,  
E de ardor era cheio esse beijo,  
E com elle minh'alma feriste !

Ah ! que d'esse momento perdido  
N'esse beijo foi minha ventura,  
N'esse beijo tão cheio de graça,  
N'esse beijo de tanta doçura !

Já não gozo da paz deleitosa,  
Minha sorte de todo mudou,  
Meu socego, donzella, esse beijo,  
Esse beijo fatal m'o roubou !

*R. S. Paes de Andrade.*

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA.

---

**O BELLO SEXO**, destinado especialmente á diversão d'aquella fracção do genero humano, cujo nome o adorna, he publicado pela sua respectiva associação mensalmente, em livrações de 12 a 16 paginas no formato de oitavo portuguez. A sua assignatura he trimensal pela quantia de 1\$000 rs., pagos á entrega do primeiro numero.

---

### RECEBEM-SE ASSIGNATURAS :

No Recife, na livraria do Sr. M. F. de Faria.

Em Olinda, em casa do redactor.

---